

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assignaturas e numerar
muito : em Portugal ao SR. DAVID CORAZZI, 42, rua
da Atalaya, Lisboa ; e no Brazil, ao SR. JOSÉ DE
MELLO, 34, rua da Quitanda Rio de Janeiro.
Paris de entrega à Paris. 1 franc.

3.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 22

PARIS 20 DE NOVEMBRO DE 1889

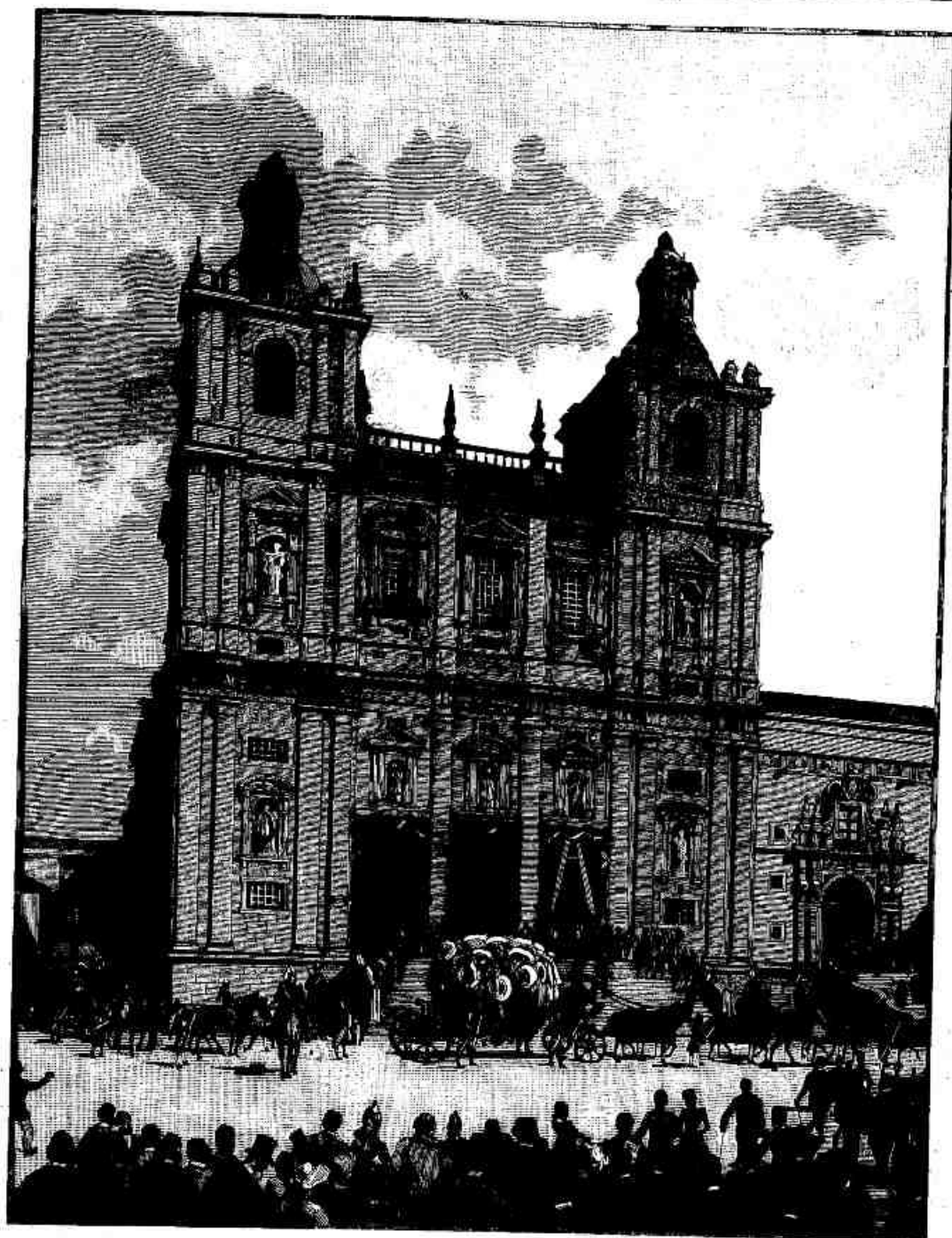
Gerente em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS :

ANNO (CÓRTE)	12.000 REIS
SEMESTRAL (CÓRTE)	6.000 —
ANNO (PROVINCIA)	14.000 —
AVULSO	300 —



A MORTE D'EL-REI O SR. D. LUIZ I. — O ENTERRO : — CHEGADA DO CARRO FUNEBRE À PAREJA DE SÃO VICENTE DE FÓRA.

A Exposição de Paris privou-nos alguns vezes da colaboração do nosso director, que era secretario da Comissão portugueza presidida pelo sr. Conde de Marimão de Carvalho. Tendo terminado a exposição, a partir do proximo numero, Marimão Piná recommença a sua colaboração unida nas paginas da nossa illustração.

A TRAVÉZ DE PARIS

Ultima verba. — Augier intimo. — Um infatigavel preguoso. — Darwin e as parisienses. — O fim o'clock transformismo. — Uma theoria que engorria. — O que pudam romanticas. — A Lucta pela vida. — O struggler-for-life. — O vainquished-of-life. — O tigre e o Minou. — Uma boa noticia.

SERIA o momento ou nunca de recitar uma oração fúnebre sobre a pobre Exposição morta... Imaginem Bossuet a saber por um assumpto d'esses! Que regalo para os amadores de nenias! L'Exposition se meurt! L'Exposition est morte! Senão soberbo! Mas não: não é o tom que convém. Para longe os pregadores luctuosos. A exposição morreu como nasceu, n'um sorriso, n'uma festa... O sol fez-lhe os mais raios ostentantes funeraes. Nunca elle foi mais soberba, mais resplandecente, mais victoriosa, do que no dia da sua morte. Um cortejo de 500 mil fiéis, a população duma vasta metropole, acompanhou-a á sepultura, acclamando-a, abençoando-a. O céu quiz prestar-lhe a homenagem extrema, cobrindo-lhe o esquifo com o seu mais bello panno azul e oiro. Foi um dia inolvidavel, um dia de junho extraviado em novembro, tendo a mais os adoravéis tons do outono nas copas das arvores, que nenhum pinço saberá nunca reproduzir na sua gama completa. Havia no ar uma vaga saudade, e uma infinita poesia. Senão-re que alguma coisa de grande ia morrer, mas que essa morte era necessaria, chegava como um desentance, se impunha como uma conclusão. Quando o cortizo da torre Eiffel souo o ultimo instante d'aquella magnificente agonia, um clamor formidavel sahio de quinhentas mil bocas, ennovelou-se nos ares como uma trombonora. Paris saudava a grande morte. Consumatum erat! Esperemos que daqui a 10 annos, um clamor mais vibrante ainda, mais triumphante, gritará ao mundo extasiado... — Resurrexit!

*, Apesar da sua importante obra litteraria, Emilio Augier que a morte arrebatou ha dias era o mais adoravel typo de preguoso que se pode imaginar. Ninguém como elle comprehendia a delicia de *far niente*, mas do *far niente* absoluto, *ou far niente* do lagarto e do lazzarone. De verão, estendido sobre a relva, ao sol, o chapéu sobre os olhos; de inverno, espacoso na sua enorme poltrona, um cachimbo entre os dentes, os pés á bella chamma crepitante, assim elle passava os melhores dias da sua vida. A gloria, atraz da qual andu corrento uma tumba de esfalfados, de lingua pendente, o peito a estalar, nunca o encontrou n'outra attitude; e era ella quem se dava ao incommodo de subir os trez andares da sua casa da rua de Clichy, todas as vezes que tinha a entregar-lhe alguma bella coroa de loiros e algum obeso sacco de luizes titilantes.

E todavia este preguoso escreveu mais de duseentos actos, onde não ha um só que seja mediocre e onde ha muitos que são o que tem produção de mais saudavel, de mais viavel, de mais robusto, a Musa do theatro. Qualquer d'essas bellas e solidas comédias, d'um tecido tão cereado, d'uma logica tão segura, d'um ambiente tão penetrante, escriptas n'uma tão pura e crystallina linguagem, representas da parte d'Augier um esforço de vontade dez vezes superior ao que se poderia imaginar d'um talentoso vigoroso como o d'elle. E de surpresa, de assalto, que elle violava a inspiração, segurando-a á força, brutalmente, abancando dias inteiros, semanas, mezes, engufando á pressa

um bocado para voltar de novo ao trabalho, com receio de que um momento de descanso e de inação abrisse uma brecha á preguiça e a deixasse penetrar, no cerebro victorioso! Quando sentia desfalecer-lhe o animo e o cheiro da tinta na alvura do papel lhe causavam nauseas, embriagava-se com medonhas cachimbadas, envolvendo-se n'uma nuvem de fumo, como um Deus do Olympo; ou absorvia chavenes apoz chavenes de café que lhe punham os nervos a tilinjar; e de novo se aticava á tarefa, com uma raiva, com uma ansia de chegar ao fim, que se traduzia em vida, em movimento, em paixão nos personagens das suas peças. Quando a encantadora, a divina palavra de trez letras, a nossa fada, a ideal amante de todos nós, pequenas e grandes labutadores da ideia, surgia enfim na ultima linha da ultima pagina, Augier deixava-se cair prostrado na primeira poltrona que lhe apparecesse; e já d'alli o não arrancavam n'aquellas horas mais proximas. Eram então longos e adoráveis mezes de ocio profundo, que nem mesmo a leitura dos jornaes perturbava, passões ao acaso pelas alamedas do seu lindo parque de Croissy, uma vida de vegetal feliz, que abre ao sol as folhas preguiçosas e se deixa banhar languidamente de calor e de orvalho. Outrora havia sido um conversador scienciatista e vivo; agora nem mesmo supportava a profunda, a esmagadora fadiga de falar. Em compensação escutava admiravelmente, e o seu olhar penetrante e fino, o sorriso intelligente e bondoso do seu labio revelavam que dentro d'aquelle envoltorio um pouco massivo e pesado vivia, agiu, inquieta, bulhosa, uma intelligencia avida das mais nobres curiosidades.

Ha 14 annos que cessara de escrever; tomara esta resolução em pleno vigor de talento, na mania seguinte ao successo entusiasmado dos *Fourchambault*. Satisfeito com a sua doirada mediocridade e com a gloria adquirida, Augier podia enfim preguiçar deliciosamente até que a morte se lembrou de transformá-lo em descanso definitivo aquelle provisionario faciente. Foi porém cruel para com elle, a odiosa Megera; fazendo-o agonisar entre tormentos durante quatro longos dias.

Assim se extinguiu dolorosamente um dos escriptores mais perfectos do nosso tempo, um dos artistas em que mais vigorosamente se tem incarnado o genio francez, feito de graça, de elegancia e de clareza.

*, Meu Deus, como se é sabio em Paris! Quem, á hora outreira ligeira do *five o'clock tea*, penetrar em qualquer salão do *faubourg*, ou mesmo do Marais, todo frustrante de salas, de leques, de risinhos, eis aqui as coisas ponderosas e eruditas que será chamado a ouvir: — «*Le transformismo!* — *La concurrence vitale!*» — «*Mais, ma chère, déjà Lamark...*» — «*Tom Darwin, Madeline, n'est qu'une bête!*» *Je parie que tu ne l'as pas lu!*...» — «*Sí, sí!*» — «*Non, non!*»...

A linda madame B. detesta Darwin até a excreção; Madame de F., uma moçua, magra, exaltada, sustenta o transformismo até á ultima gota do seu sangue, e tem como devisa: «*Struggle for life!*» que ella cultiva audaciosamente com o u de berlus e o i de panaris! E em torno d'elles, vinte deliciosos biologos, de catogans loiros, casaninhos, ou cor de mogno, a nuance da moda, encimados de adoráveis chapous marquiés, transparentes, raídos de nervuras como asas de libellulas, tomam com energia o partido d'uma ou outra das adversarias. E dizer que ainda ha poucos mezes não se encontrava uma darwinista que não usasse ocultos e não fosse escura e chata como a propria Mlle Clemence Ewyer, a traductora do mestre; pois agora, ha-as redondus, rechonchudas, como codornizes em desentbro; e com covinhas! e regueifas! Enfim, é um progresso. Darwin pode dormir tranquillo no seu tumulo. O transformismo já não precisa de chumugo!! □ □ □

*, Mas este milagre teve o seu feliceiro! Foi Daudet quem, a um aceno da sua vara, revelou a *evolução natural* a Paris estupefacto. Antes d'elle, ninguém sonhava em tal coisa. A *lucta pela vida*, a *concorrência vital*, *ou quel est que c'est que ça?* Estranho poder o dos homens de talento nesta terra porque eu morro! Um bello dia Dumas filho, Zola, Daudet, Bouget, de Goncourt, atiram ao ar uma bola de sabão, mais fragil, mais tenue do que o cristal mais fino, mas toda irisada de cores, de reflexos, mordorada, lentejoulada, a resplandecer sob o sol que a doira; eis Paris, a França, o mundo inteiro, de nariz para o ar, contemplando a maravilha.

Paris, então edomavel com a sua boca aberta, o seu ar hypnotizado, a pasmacaria jovial e *bon enfant* de todo o seu organismo! Não se falla n'outra coisa senão na referida bola de sabão. Os sabios explicam-na gravemente, os criticos examinam-na a telescopio, os pregadores fulminam do alto dos pulpitos contra o peccado que ella encerra, os politicos crivam-na de allusões na tribuna — mas as mulheres, oh, as mulheres, é uma fascinação, uma febre, uma loucura, almoçam-na, jantam-na, ceiam-na, dormem-na et le reste. De repente, pff! é a liada bola que estoura e se desfaz em chuva suspeita. Mas já outra liada bola de sabão se eleva no horizon... e a comedia continua.

D'esta vez a linda bola de sabão é a nova comedia de Daudet no *Gymnasio*. Chama-se a *Lucta pela vida* e põe em acent o moderno vibrão, o *struggler-for-life*, que já figurava um pouco indecissamente no *Immortal*... E' o combatente de hoje, animal admiravelmente organizado, com musculos de aço, estomago de abestur, dentes de bull-dog, devorador de appetites e de ambigões, que segue o seu caminho na vida, como o javali abre o seu caminho no mato, a golpes de colmillo, o olhar fixo no ponto onde quer chegar. Se um obstaculo se lhe ergue em frente, derruba-o pela lei do mais forte, ainda que para isso seja necessario um crime. Tanto peor para o debil, é o seu destino que se comprete!

O que tem graça é que Darwin nunca escreveu nada de semelhante e que os seus pretendidos discipulos o interpretam estupidamente. Mas nem por isso o typo deixa de ser admiravelmente estudado na inconsciente bestialidade dos seus instintos, tal como elle cresce e pulula na vida contemporânea.

Naturalmente o *struggler-for-life* varia muito com as latitudes e com os climas, consequência natural da *adaptação ao meio* (ainda uma lei de Darwin). Ha paizes, como por exemplo a França, em que elle é realmente feroz e terrivel; outros em que elle é simplesmente pittoresco. N'esses, o *struggler-for-life*, chegado á idade merencoria do *pe de gallinha* e da careca incipiente, carregado de honras e de benesses, quasi sempre rico, ás vezes intelligente, mas sempre e infinitamente pretencioso, reforma-se em *desitituido* adopta a alcunha barbara e lacrymosa de *vainquished-of-life!* Em seguida ao que se atira a um peço trufado com tal gana que em breve só a careca alveja!

The *vainquished* é pois o *struggler* dos paizes mansos. E' o bichano d'aquelle tigre. Em vez de rasgar e morder, selvagem, a presa surprehendida, the *vainquished* arcaia o dorso e *fait le beau* para a galenia. Um crime! Um atentado! Um combate á mão armada com a lei, com a sociedade, com a policia! Não receiem isso d'elle! The *vainquished* é a melhor pessoa d'este mundo, que só pede que a deixem fazer tranquillamente a digestão das suas trufas. Em materia de audacias, elle irá até o *plastron* de cores vivas e talvez, excitado, até o monoculo! Mas do monoculo ao crime, a distancia, mercê de Deus, é longa, e o *vainquished-of-life* nunca a transporta!

A peça de Daudet teve um exito extraordinario. E' um prazer ouvir a da primeira scena a ultima, um prazer delicado, um prazer nobre, como lhe

disse Jules Lemoine. Impossível resumir aqui um entrecabo complicado de mil episódios encantadores — basta dizer que nos quatro horas que dura o espectáculo, não ha lugar para um momento de fadiga ou de tédio. E já que fallo de Daudet, uma agradável rectificação. Pinelhes ha tempos um Daudet alquebrado, minado por uma doença implacavel, pendido já a meio para a sepultura. Havia muito exaggero nas informações que me tinham dado. A doença de Daudet é sobretudo nervosa e filha do excesso de trabalho. Alguns mezes de descanso, ao bello sol da Provença, como se diz na *Traviata*, porão de novo em forme, prompto para o combate da vida, este fino, destro e elegante luctador.

GIESS.



A «ILUSTRAÇÃO» 3 VEZES POR MEZ

AOS NOSSOS LEITORES

Continuamos a receber de todos os pontos de Portugal as mais entusiasticas adhesões á ideia apresentada por varios Assignantes, de que a *ILUSTRAÇÃO* passe a publicar-se **trez vezes por mez**.

Todos os dias recebemos dezenas de cartas e de bilhetes postaes dos nossos estimaveis Assignantes e Compradores a vultso, uns adherindo á ideia de se publicar o **nosso jornal trez vezes por mez**, outros chegando a pedir que a *ILUSTRAÇÃO* se publique **quatro vezes por mez**, pedido que nos é immentemente lisonjeiro, mas que não é facil de realizar, attendendo ao augmento consideravel que teria de se operar na importância da assignatura, e ao qual não poderia responder um grande numero de bolsas modestas, que de nenhum modo nós queremos sacrificar.

Pensemos sómente na ideia de se publicar o **nosso jornal trez vezes por mez**. A ideia partio d'alguns srs. Assignantes. Continuamos, pois, a pedir a todos os nossos Leitores que ainda não puderam responder ao nosso convite, que nos digam n'um bilhete postal de 20 reis, assim dirigido:

DIRECTOR DA ILUSTRAÇÃO

13, Quai Voltaire, 13

FRANCE.

Paris.

se querem, ou não, que a *ILUSTRAÇÃO* passe a publicar-se **trez vezes por mez**.

Temos já em nosso poder para cima de **duas mil adhesões**. Ainda estamos muito longe da maioria absoluta das nossas assignaturas e vên-das avulsas.

Egual pedido fazemos aos nossos numerosos assignantes do Brazil.

Sem termos a adhesion de todos, ou de quasi todos, nenhuma alteração podemos fazer, attendendo a que não devemos de modo algum causar o mais leve incommodo áquelles que nos dispensam a sua sympathia desde a fundação do **nosso jornal**.

A *ILUSTRAÇÃO* tem por norma o seguinte: — attender sempre aos interesses e aos desejos do publico que a tem honrado com o seu favor.

Ficamos, pois, á espera de novas adhesões.



AS NOSSAS GRAVURAS

A MORTE D'EL-REI

Foi Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro o unico artista a quem Sua Magestade a Senhora Dona Maria Pia permitto que visitasse a camera ardente de Cascaes, e tirasse um *croquis* do cadaver d'El-Rei o sr. D. Luiz I. E' esse *croquis* do real defuncto, em cujo caixão se vê o retrato de sua irmã a senhora Infanta D. Antonia de Bragança, que a *ILUSTRAÇÃO* offerece hoje aos seus leitores, como a derradeira e piedosa recordação do monarcha cuja morte enlutou toda a nação portugueza.

O *croquis* foi feito em Cascaes. Sobre este *croquis* o moço e distincto artista fez uma bella pagina a nunkim, que nós confiamos a uma das primeiras casas de Paris em reproduções chemicas, e que nos fez a delicada e fidelissima photographia que hoje damos á luz.

Podemo-nos ufanar de ainda n'esta, como em muitas outras occasiões, ser a *ILUSTRAÇÃO* a unica revista illustrada que sabe comunicar ao publico de Portugal e do Brazil os mais curiosos e importantes documentos.

Esta pagina de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro que a *ILUSTRAÇÃO* hoje publica, ficará como um documento historico da mais alta importancia. Quando se fizer a historia illustrada do reinado do sr. D. Luiz I, a nossa revista será folheada pelos estudiosos; e este desenhão do rei morto será observado e reproduzido, como unico e precioso documento da ultima pagina d'esse reinado que acaba de finalizar — de finalizar por uma tão cruel agonia.

A este respeito escreve o nosso querido amigo e illustrer escriptor Ramalho Ortigão:

Na posao imitavel de um rei uma agonia tão diacranter e tão longa da morte implacavel o aspecto mais tenebroso e mais tragico.

Durante os ultimos dias do monarcha, um geral estremitamento da horror vibrou de um extremo ao outro do paiz, e uma doce onda de commiserção e de sympathia humedeceu todas as almas.

Acreditavam os antigos por o terem lido na Biblia, que viam das tribulações suprenas da vida aquelles que na eternidade compareciam vestidos de roupegens brancas. Presentemente em nada se parellia com relacão á eternidade, porque a fé acabou. Todavia, por um singular phenomeno regressivo, muitas cousas extrinsecas na convicção reaparecem, levemente modificadas, no sentimento. Assim alguem afirma que a *tribulatio magna*, de que falla o Apocalypso, e que assignalou no rei finado o ultimo periodo da sua vida, lha desse a catacliza das elisias da bem-aventurança, mas todo o mundo sente que essa tribulacão a pouco e pouco a desvestiu da purpura real, que o distinguia dos demais honras para o respeito d'una e para a hostilidade d'outros, e que foi todo de branco vestido, como os antigos produstuidos do Etorio, tendo na mão um lyrio de ternura, em vez de um sceptro de governo ou de uma espada de combate, que esse principe expirou, aos olhos das imaginações, no sentimento do povo.

A camera ardente.

Um outro *croquis* de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, e que nós tambem mandamos reproduzir em Paris pelos modernos processos de photographia, para que conservasse toda a fidelidade do original — é o que representa a *camera ardente* na igreja dos Jeronymos, onde esteve exposto ao publico o cadaver de S. M. El-Rei o sr. D. Luiz I.

A urna funeraria, tendo por tampa um grosso crystal, foi collocada na capella mór, sob um docel, mas collocada com grande inclinação, de forma que mesmo do cruzeiro se via o cadaver d'El-Rei. Tinha vestida a farda de generalissimo, e o peito ornado das grã-cruzes e commendas das trez ordens militares de Portugal, collares e commendas da Torre e Espada e da Anunciação, commenda e habito de Habsburguella, medalhas da expedição de Angola e de ouro de bom serviço e comportamento exemplar.

Velavam junto da urna funeraria, além da corte, officiaes de capadores 5, bombeiros voluntarios d'Ajuda, e alumnos da Casa Pia, com tochas accensas.

Chegada do cortejo a S. Vicente.

A gravura que publicamos na primeira pagina da *ILUSTRAÇÃO*, representa a chegada do carro fúnebre conduzindo o corpo d'El-Rei o sr. D. Luiz I á igreja de São Vicente de Fóra.

Pelos poucos apontamentos e photographias que nos chegaram de Lisboa, o nosso collaborador L. Borthault — o mesmo que nos tem dado tantas paginas admiraveis da Exposição de Paris — pôde reconstituir e compôr esta pagina d'um grande effeito e d'uma prodigiosa exactidão, attendendo á exatidão de documentos que tinhamos em nosso poder.

Apenas terminado o desenho, elle teve a honra de tambem apparecer na primeira pagina do *Monde Illustré*, o grande jornal parisiense ao qual nos achamos ligados por tantas relações de sympathia e de interesses mutuos.

O prestio fúnebre que no dia 26 de outubro findo sahio da igreja dos Jeronymos em direcção á igreja de S. Vicente de Fóra, ia organizado do seguinte modo, no que respeitava aos coches da casa real:

- 1.ª Comitiva dos principes estrangeiros.
 - 2.ª Veadores das duas Rainhas e conselheiro Nazareth.
 - 3.ª Tres camaristas e um ajudante do campo.
 - 4.ª Mordomo-mór — mestre de sala — Reposteiro-mór.
 - 5.ª Embaixadores.
 - 6.ª O sr. Infante D. Affonso e dois príncipes.
 - 7.ª El-Rei e dois príncipes.
 - 8.ª A corbã, levada pelo reposteiro-menor.
 - 9.ª Primeiro ajudante de campo, levando a espada, e outro levando o capacete.
 - 10.ª Ecclesiasticos.
 - 11.ª Coche de respeito.
 - 12.ª Corpo d'El-Rei D. Luiz.
- Pegavam ás borlas do caixão:
- Mordomo-mór.
 - Duque de Loulé.
 - Duque de Palmella.
 - Marquez de Alvim.
 - Marquez de Subgosa.
 - Marquez de Bellas.
 - Marquez da Fronteira.
 - Marquez d'Angeja.

As potencias estrangeiras e os seus chefes politicos fizeram-se representar no funeral pelos seguintes personagens:

FRANÇA. — Mr. Billot, ministro da Republica em Lisboa; general Voisin, tenente-coronel de engenharia Toulza, representante especial de Mr. Carnot, e capitão de mar e guerra Courrejolles, sub-chefe do estado maior do ministerio da marinha.

ITALIA. Sr. duque de Aosta, irmão da rainha D. Maria Pia. Acompanhavam-n'o os srs. conde Ottobono Radicati do Marmorito, conde da Carpeneto e marquez Luerna de Rorá.

HOLANDA. Sr. duque de Montpensier, pae da sr.ª condessa de Paris mãe da rainha sr.ª D. Amelia.

ALLEMANHA. General de Versen, ajudante do campo de S. M. o Imperador, acompanhado pelo major de Brandis.

O regimento n.º 30 de infantaria de linha, de que o sr. D. Luiz era coronel honorario, enviou como seus delegados o coronel barão de Lutnow, o major Lauer e o primeiro tenente Bloch von Blotwitz.

INGLATERRA. O sr. duque de Edimburgo terceiro filho de S. M. a rainha Victoria, almirante da marinha inglesa.

RUSSIA. Mr. de Fonton, ministro do czar em Portugal.

ESTADOS UNIDOS. Mr. Loring, ministro da Republica em Lisboa.

PAISES-BAIROS. Mr. Ruyssenaer, ministro em Lisboa.

TURQUIA. Tutan-bey, ministro do sultão em Madrid.

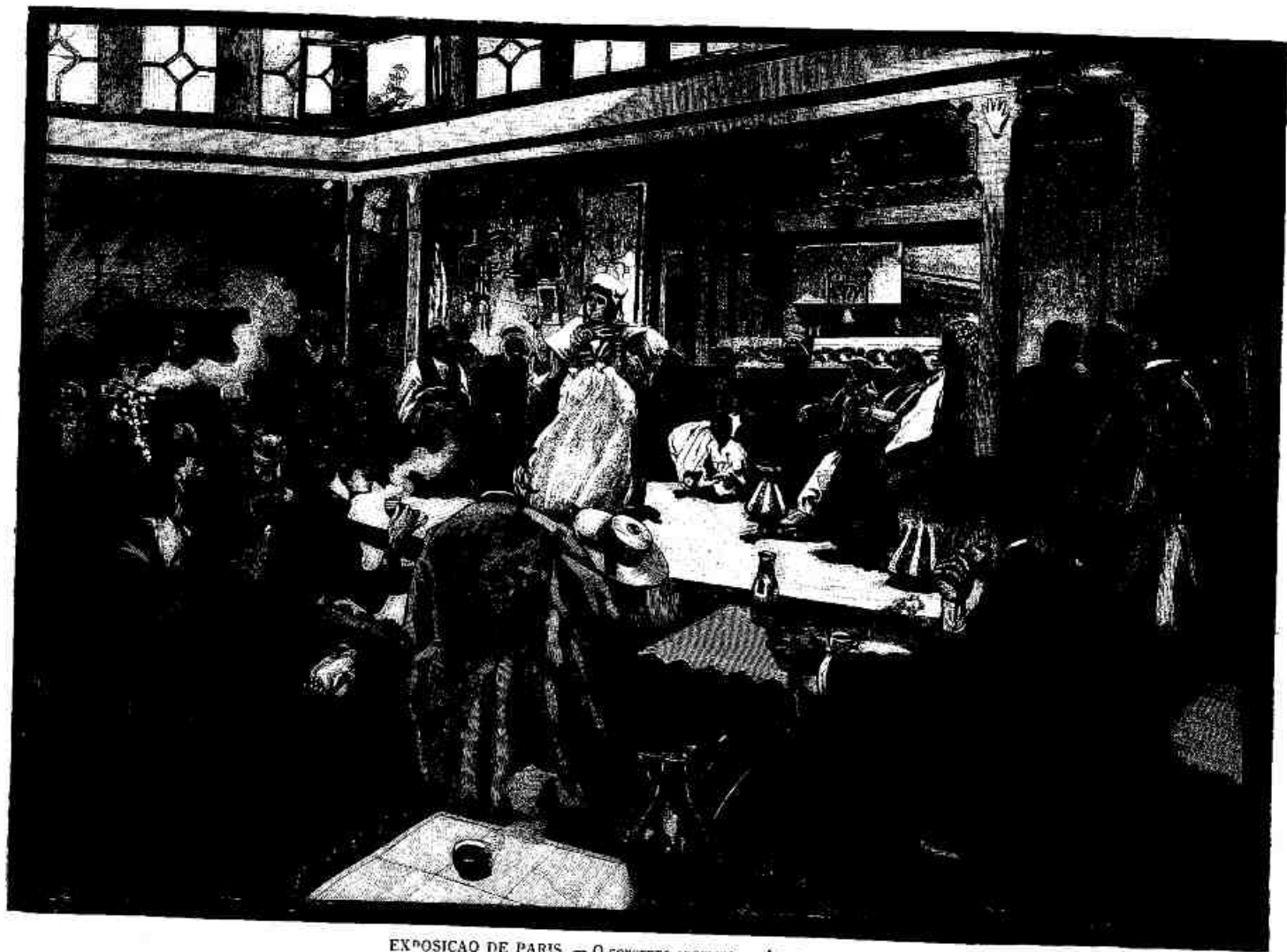
JAPÃO. Visconde Tanaka ministro em Paris.

BRAZIL. Barão de Aguiar de Andrade, ministro em Lisboa.

MEXICO. Sr. Zemil encarregado de negocios em Hespanha e Portugal.

BELOJA. Ministro belga em Lisboa.

SUECIA. Ministro sueco em Lisboa.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O CONCERTO ARGELIVO. — A DANÇA DO SAHRE.



A casa de Emilio Augier em Croissy.

NECROLOGIA. — EMILIO AUGIER, fallecido em Croissy no dia 25 d'outubro.

Em S. Vicente de Fóra

Um outro *croquis* do nosso collaborador Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro representa o cruzeiro de S. Vicente de Fóra, durante o *liberame*.

A decoração do templo, que é o *pantheon* dos reis da casa de Bragança, era esplendida.

O altar foi coberto com um rico espaldar de veludo roxo com setes pratas, bordado a ouro fino com um encaixe da mesma fazenda guarnecido de cercadures também bordados, com apanhados seguros pelos anjos que encimam a cúpula da machetaria.

O fundo das paredes ao lado do altareiro era forrado de veludo preto com apainhados feitos de galões de ouro, deixando a descoberto as figuras de dois anjos allegoricos, que ficam sobre as portas que dão serventia para o côro, que está na parte trazeira da capella.

As paredes lateraes da capella mór eram igualmente forradas de veludo preto e roxo bordado e agalinhado a ouro.

As duas tribunas tinham sanfies com as azas e cobertores completamente novos, e o roda-pé era forrado de bueias pretas com facha bordadas.

A bandeira do anjo que encimava a cúpula da machetaria, estava coberta de veludo preto, em pregas, com laço franja dourada.

O docel do prelado fora guarnecido de alho a buxo com larguras de brocado e veludo bordado.

O solo do docel do prelado estava forrado de seda encarnada.

As duas tribunas da capella-mór estava levantada a eça rasa collocada em tres degraus e ladeada por tocheiros, onde estava collocada a urna que encerrava o corpo de Sua Magestade, durante os officios.

Além d'essa, estavam collocados mais duas tarimas, uma ao centro da igreja em frente da capella do Santissimo, e outra junto do porta da entrada do templo para se observarem as formalidades prescritas no programma do funeral.

As capellas do cruzeiro estavam igualmente veladas com espaldares e encaixes de veludo, assim como as do corpo da igreja; sendo cobertos com apainhados de veludo forrados com galões de ouro e prata e facha bordadas de ouro, todos os intercalamentos não só do cruzeiro, mas do corpo da igreja.

A balaustrada do côro, assim como em volta da cimalha do interior da igreja, era forrada com panos de veludo guarnecidos com cercadures bordadas e apainhadas em holso.

As tribunas da capella-mór eram occupadas: a do lado do evangelho pelos representantes das casas reais estrangeiras, e a do lado da epistola pela familia real portugueza e pelas pessoas da sua comitiva.

Nas primeiras bancadas da capella-mór tomaram assento os bispos e as dignidades do cabido.

No arco do cruzeiro foram armados duas tribunas para o corpo diplomatico e para os altos dignitários da corte.

Em baixo, nas bancadas superiores, tomaram assento do lado do evangelho a municipalidade de Lisboa, e no da epistola a camara ecclesiastica. Tinha ali também lugar reservado os membros da imprensa.

Eis o que a *Illustração* pode hoje offerecer aos seus leitores, como documentos dos funeraes d'El-Rei o sr. D. Luiz I.

Podiamos dar ainda maior largueza ás nossas gravuras. Mas se o não fazemos, é por culpa dos srs. desenhadores portuguezes.

Os *journaes illustrés* francezes e inglezes recebem diariamente, de todos os pontos do globo, *croquis* de todos os acontecimentos, sem que precisem andar imploreando este ou aquelle desenhador. E quando não são *croquis*, são photographias instantaneas. Emquanto que de Portugal nunca a *Illustration* recebeu um *croquis* que não fosse impellido de mãos postas! E o *Monde Illustré* de Paris, que tem feito todos os esforços para ter um correspondente artistico em Portugal, quem não procurado entrar em relações com diferentes artistas portuguezes, ainda não encontrou um só que se desse ao trabalho (além remunerado) de lhe mandar um *croquis* ou *photographie*.

A *Illustração* appella hoje para os photographos de profissão e para os photographos amadores que fazem photographias instantaneas — para que nos

enviem para Paris *preuves* de todos os solemnidades que tiverem lugar em Portugal. Essas *preuves* serão-lhes logo remuneradas, e serão recebidas com immenso prazer, servindo-nos para dar maior latitude a assumptos exclusivamente nacionaes.



ENCIMADA D'UM BIMBLITE DA EXPOSIÇÃO DE PARIS.

A Exposição de Paris

Os tristes acontecimentos que acabam de enlutar Portugal obrigaram-nos n'estes dois números a pôr de parte varias gravuras da Exposição Universal de Paris — d'esta maravilhosa Exposição que terminou no dia 6 do corrente mez de novembro. Mas apesar da exposição ter fechado, nem por isso os nossos leitores deixarão d'ir vendo n'os seguintes números da *Illustração*, as magnificencias e as maravilhas que durante seis mezes attractivam a Paris os representantes do mundo inteiro.

Os nossos collaboradores artisticos nem um só dia deixaram de tomar as suas notas para a historia completa da Exposição. E os leitores da nossa revista podem ficar certos de que raras foram os jornaes da Europa que apresentaram ao seu publico uma serie de gravuras como a que nós até hoje temos publicado, e continuaremos publicando.

A nossa gravura da

Danza do sabre

representa um curioso aspecto do concerto argentino do esplanado dos Inválidos, em plena exposição colonial.

Já mostremos n'um passado numero a *danza do ventre*, da rua do Cairo. A *danza do sabre* era uma outra curiosidade coreographica muito apreciada dos estrangeiros e dos parisienses que invadiram a sala do concerto, para admirar estas danças exóticas, e provar o excellente café, bem differente do café vulgar e aquilo que nos servem no boulevard.

O interior do concerto argentino era surpreendente de pitoresco, e o nosso desenhador imprimiu ao quadro toda a belleza e todo o exotismo que o original possuia.

Uma deliciosa pagina é a que representa o aspecto d'uma parte da exposição da escultura franceza.

Sob o zimbório do palacio de Bellas Artes

Ao centro vê-se o original da famosa fonte de Canpena, e em volta algumas das mais notaveis esculturas francezas.

A grandes esculpturas conduzião ao primeiro andar, em cujas salas se admirava a exposição central dos artistas francezes, essa assombrosa colleção que nunca mais se tornará a reunir, e onde destacavam os grandes artistas desde Ingres, David, Ary Schœffer, até Bastien Lepage e Meissonnier, passando por Delacroix, Corot, Courbet, Millet, Daubigny, Troyon, Diaz, Dupré, etc., etc.

Uma outra gravura representa

O panorama transatlantico e o pavilhão da Marinha

vistas do Sena. 

O panorama, collocado á esquerda do observador, representava a flotilha da Companhia transatlantica entrando no Havre. Cada espectador achava-se sobre a ponte d'um navio, e o panorama que se desenrolava em torno d'elle era deslumbrante.

No pavilhão da Marinha achava-se uma soberba exposição de apparelhos de salvagem, de sigmas, de bois, etc., — assim como a redução dos barcos mais conhecidos da marinha de guerra e mercante francezas.

Visto do Sena este aspecto do que era admiravel, continuando os pavilhões na mesma linha do pavilhão portuguez do quasi d'Orsay e do palacio dos productos alimenticios.

Uma das cem mil curiosidades d'esta assombrosa Exposição de Paris era

A taverna da Roumania

construção encantadora, com *verandahs* e telhados inclinados que lembravam ao mesmo tempo a *asta russa* e o *chalet tyroleza*.

Este typo da architectura roumanica era ornado inteiramente com fazendas da Roumania, com *lorgas*, com *bibedais*, todos vindos das margens do Danubio, — assim como Rafael Bordallo Pinheiro sobre favor do pavilhão portuguez uma joia de ornamentação nacional, com os mil objectos caseiros que mandou vir das margens do Douro e Tejo.

N'esta taverna da Roumania tocavam dia e noite os *lantz* que tiveram um extraordinario successo, deixando a perder de vista os famosos *Tyrganos* da Hungria. E não só os músicos eram filhos da Roumania, mas os *criticos* e *criticas*, algumas das quaes deitaram a perder muitos parisienses que ficaram fascinados por tão lindos olhos negros, por tão lindas morenas, capazes de causar inveja a muitas filhas de Sevilha.

Outra curiosidade que muito divertia os frequentadores da Exposição eram

Os 34 cartazes do caminho do ferro

escriptos em todas as linguas do universo, o que a administração do caminho de ferro Decauville mandou affixar em todo o percurso da linha, recommendando ao publico que não se inclinasse para fóra dos wagons por causa das arvores, para assim se evitar qualquer desastre.

Com a redacção d'estes cartazes appareceu uma grande difficuldade que se tornou bastante dispendiosa: — as *typographies* parisienses possuíam o typo de todas as linguas, mas n'um formato muito pequeno para cartazes passas, aumantins, chinezes, arabes, etc. De modo que foi necessario fazer uma fundição especial.

Chegou mesmo a apparecer um cartaz em enigma figurado, o que divertio sobremaneira o publico.

No caminho de ferro Decauville circularam seis milhaes de passas, e só houve um desastre por imprudencia d'um passageiro que saltou do trem, enquanto este caminhava a meia velocidade, cahindo e ferindo-se gravemente de encontro a um poste.

E terminaremos hoje este nosso passeio á extincta Exposição de Paris, com o *fac-simile* d'um bilhete do entrada, do prego d'um franco.

Emilio Augier.

Emilio Augier o autor do *Genre de M. Poirier*, da *Cigra*, do *Maitre Guerin*, e de tantas outras peças, acaba de fallecer, na idade de 63 annos.

Augier, que ha tempos dera uma queda d'um carro, ficando muitissimo molesto, succumbiu ás consequências d'esse desastre.

Foi um escriptor de lei e um dramaturgo de raça. O theatro contemporaneo deve-lhe algumas obras primas, que dentro em pouco serão classicas, se não o são já, e uma quantidade prodigiosa de peças, dramas e comédias, em que, n'umas mais que n'outras, o mestre deixou profundamento e indelevelmente assignalada a sua griffe.

Dissemos meute porque assim o consideravam de ha muito, mesmo os que, como Sandeau, haviam collorido com elle, e todos aquelles que, como Saeiou e Dumes, tem o direito de lhe chamar confidite. Inquestionavelmente foi e ficava sendo o mais profundo e vigoroso escriptor dramatico d'este século. A elle se deve, senão uma remedo

ATTENTION!

PRENEZ GARDE AUX ARBRES
NE SORTEZ NI JAMBES, NI TÊTE

BRAVI GÈNT!

AVÍSAZ-VOUS DIS AUBRE
E NOUN PASSÉS DEFORO NI LA CAMBO NI LA TESTO
PROVENÇAL

OUELLET!

DIHOUELLET DOH ER HOËT
TENNET AR DRAN HOËT DINOAR HA HOËT PENN
BRETON

CAUTION!

BEWARE OF THE TREES
PUT OUT NEITHER HEAD NOR LEGS
ANGLAIS

**КО ВНИМАНИЮ
ПУБЛИКИ**

Обращайте внимание на деревья
Не выставляйте ни головы ни ногъ
РУССЕ

WARNUNG!

VORSICHT VOR DEN BÄUMEN
STRECKET WEDEL KOPF NOCH BEINE HINAUS
ALLEMAGNE ET AUTRICHE

ATTENZIONE!

GUARDARSI DAGLI ALBERI
NON SPORGER FUORI NÉ LE GAMBE NÉ LA TESTA
ITALIEN

¡OJO!

Cuidado con los Árboles
NO SACAR NI PIERNAS NI CABEZA
ESPAÑOL

ATENÇÃO!

GUARDAR-SE DAS ARVORES
NÃO ADIANTAR NEM OS PÉS NEM A CABEÇA
PORTUGAIS

WAARSCHUWING!

DENK OM DE BOOMEN
HOOFD EN BEENEN BINNEN
HOLLANDAIS

ΠΡΟΣΟΧΗ

ΠΡΟΦΥΛΑΧΟΝΤΕ ΑΠΟ ΤΑ ΔΕΝΔΡΑ
ΜΗΝ ΕΚΘΕΤΕ ΤΗΝ ΚΕΦΑΛΗΝ ΣΑΣ
ΚΑΙ ΜΗΝ ΑΠΕΚΤΕΙΝΕΤΕ
ΤΟΥΣ ΠΟΔΑΣ ΣΑΣ
[Grec Moderne]

GET OICHT

OP 'T BEM!
STRECKT DE KAPP AN 'T BOM NET JEDANS
LUXEMBOURGEOIS

OBSERVERA!

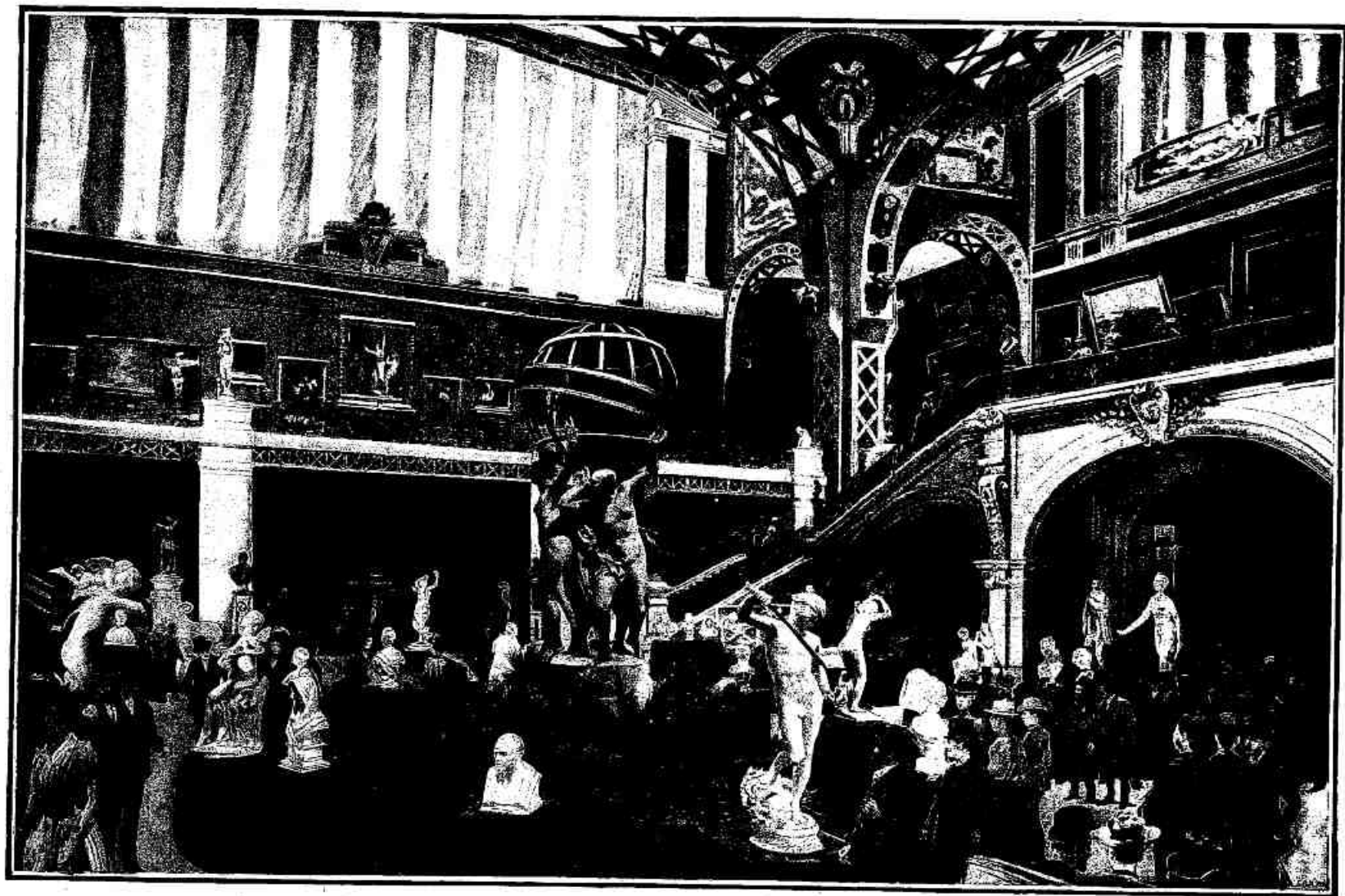
AKTA ER FÖR TRÄDEN
STICK EJ UT HUVUDET ELLER BENEN
SVEDESKA

OBSERVER

VOGTE SIG FOR TRÆERNE
STRALK OVERKØB HOVED ELLER LIDDER UD
NORWÆGSK

OBSERVER!

PAS PAA TRÆERNE
STIK IKKE HOVED ELLER BENUD
DANSK



A EXPOSIÇÃO DE PARIS. — See o zimbório do palácio das Belas-Artes.

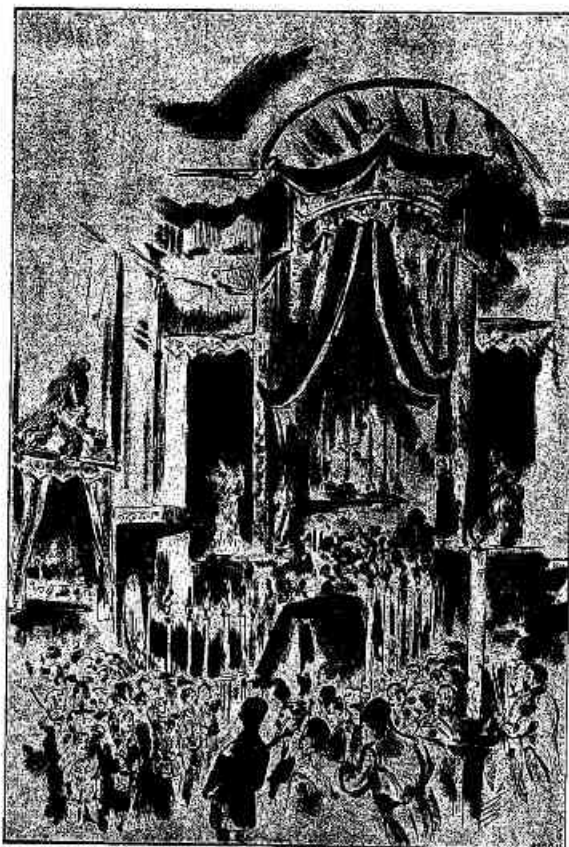


O CADAVER D'EL-REI O SR. D. LUIZ I.

Desenho feito do natural por Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro.



A camera ardente no convento dos Jeronymos.



Em S. Vicente. — O Cruzado durante o Libano.

A MORTE D'EL-REI O SR. D. LUIZ I. — CROQUIS ORIGINAES DO NOSSO COLLABORADOR MANUEL GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO.

OSTRZEGA SIE**PRZED WYCHYLENIEM GŁOWY****POZA OKNO**

POLONAIS

FIGYELMEZTETÉS**VIGYÁZAT A FÁKRA**

NE TESSÉK FEJÉT VAGY LÁBÁT KITENNI

HONGROIS

POZOR**NA HLAVU A NA NOHY**

PRO BLÍZKOST STROMU PODEL DRAHY

TCHÈQUE

DJAGAR BAIK!**IENGAT POHON**

DJANGAN KALOUEWAR KAKKIE ATAU KAPALA

MALAIS

CHO KHÉO!**COÏ CHU'NG CÂY CÔI**

Đừng giẫm đạp và quở cào ra ngoài

CHU'NG - NG'U
ANNAMITE**TANDREMO!****AZA AROSO JOANA NY LOHA**

NA NY TONGOTRA NOHO NY HAZO!

MALGACHE

שבוער ושבועתם בזה
שבוער ושבועתם את מעצמם
לא תזנא דקל ולא דרשא

HEBREW

Երկրորդական
գրգռական ծառերը
դուրսից հանելու և գլխով և ոտով

ARMÉNIEN

यथा न कथितादां
नवा बाहूत्र वा शिरो
वाहनादसूनेन रूपयान् ॥

SANSKRIT

اعماله درن کند و زنی صاف کرد
باسکزی و اباندر بکزی لطای
حیفار بکزی

TURC

BACATI DE SEAMA!

FERITI-VE DE COPACI

NU SCOATETI PICIOARELE NIȚI

CAPUL ÎN AFARA DE VAGONE

ROUMAIN

خلي ماسك واضر من
الاشجار لا تخرج رجلك
ولا راسك

ARABE

O CIVES

CAVEŢE NE CAPVT NEVE CRVRA

VEHICVLO EXSERATIS NE QVIS

ARBORVM OCCVRSV LÆDATVR

LATIN

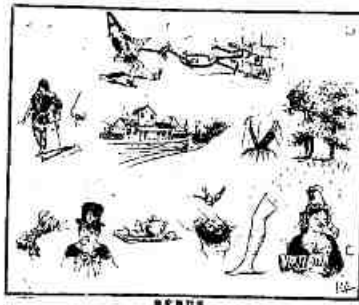
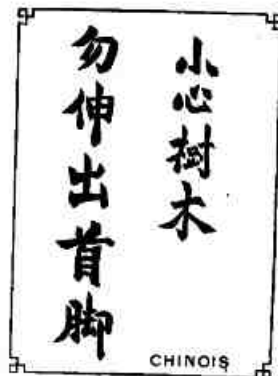
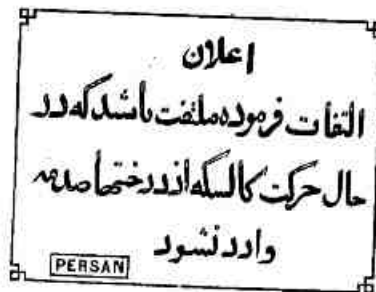
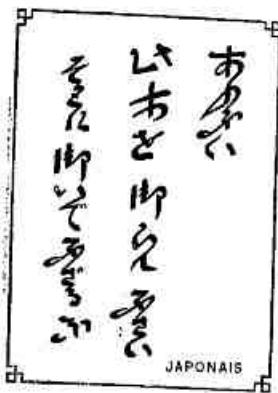
! ١٢٣٤٥٦٧٨٩١٠
١٢٣٤٥٦٧٨٩١٠

STÉNOGRAPHIE

SENITÖ!**DLEDOLSÖD BIMIS**

NO PLADOESÖD LOES NI KAPE PLÖ VARS

VOLAPÜK



Os 34 CARTÕES DO CAMINHO FERRO NA EXPOSIÇÃO.

lação completa, uma orientação nova na maneira de pensar, de compôr e de escrever para o theatro.

Accusaram-n'o durante algum tempo de lisongear a burguezia, fazendo-lhe o panegyrico e a apothose nas suas peças. É possível que assim fosse. Augier, porém, soube conciliar os preconceitos do seu espirito com as sugestões superiores da sua arte, traçando as suas obras sobre um plano tão elevado e imprimindo-lhes um tão poderoso cunho de talento, que ellas ficaram tal como lhe saíram da penna, para viver a inalterável existência das obras immortaes do genio.

Ao contrario do que succede com a maior parte dos artistas, a melhor obra de Augier, ou uma das melhores, foi a primeira, a *Cignt*, que elle escreveu aos vinte e quatro annos, e que, por signal, o Theatro Francez recusou, para admitir depois, espontaneamente, no seu repertorio. A *Cignt*, é, sob a forma d'um elegante *pastiche* dos costumes antigos, uma lição de moral dada á indifferença egoista e á prematura velhice dos rapazes de então, e, escreveu um critico, constitue tambem um recesso feliz á comedia de costumes escripta em verso.

A *Aventuriere*, escripta ha vinte e oito annos, foi o modelo que mais d'um critico escolheu para accusar o dramaturgo do supposto desejo de exaltar os costumes burguezes.

A sua obra, porém, mais universalmente conhecida, representada nos theatros de todo o mundo e commentada por toda a critica, é o *Genro do sr. Poirier*, que Emilio Augier escreveu de collaboração com Julio Sandeau, e fez representar pela primeira vez no Gymnasio de Paris, em 1855 ou 1856. Como ninguém ignora, a famosa comedia é uma satyra aos ridiculos mesquinhos da burguezia rica e á vaidades da aristocracia arruinada, ridiculos e vaidades que o eminente dramaturgo soube pôr em scena com uma *verve* comica e um bom humor incomparáveis!

Depois d'essa, escreveu muitas outras, no numero das quaes figura em primeiro logar a comedia *Les Effrontés*, em que Augier adoptou definitivamente o genero de pintura o de satyra sociaes, que iniciara com o *Genro do sr. Poirier*.

Les Effrontés foram muitissimo discutidos pela critica, e tiveram um successo ruído: era a satyra dos abusos que resultam da intervenção dos homens do journalismo contemporaneo.

A primeira representação dos *Effrontés* verificou-se em janeiro de 1861, na Comédie Française. Em dezembro de 1864 representava-se no mesmo theatro o *Maitre Guérin*, de que a Comédie fez reprise, com um exito extraordinario, durante a epoca da exposição.

No espaço de tempo que decorrem entre o apparecimento d'estas obras, Augier desenvolveu uma actividade admiravel, contribuindo, como poucos auctores, para enriquecer a litteratura dramatica do seu paiz e manter o theatro e o publico n'uma constante palpação.

Foi extraordinariamente combatido e excepcionalmente respeitado. Barbey de Aureville, que, com o seu habitual espirito de intolerancia, não poupou escriptores da estatura do velho Dumas, professava por elle um respeito, que era uma elevada homenagem, citando-o a cada passo, como modelo, aos dramaturgos que fustigava, e lamentando em cada uma das suas criticas, que não o

seguissem e copiassem, visto que não podiam apropriar-se do seu genio.

Emilio Augier fazia, parte da academia franceza e era condecorado com a Legião de Honra.

Em França, como no estrangeiro, consideravam-n'o muito. Logo que se soube do grave estado de Augier, correram a casa do grande dramaturgo as primeiras personalidades das letras, da sciencia e da politica.

Durante a sua enfermidade, Augier foi sempre acompanhado pelo poeta Paulo Deroulède, de quem era tio.

O grande dramaturgo, morreu na sua villa de Croissy, que habitava durante oito mezes em cada anno, e da qual elle proprio fôra o architecto. O mestre sabia decerto combinar melhor uma peça de theatro, do que desenhar os planos d'uma casa, porque a sua villa recomendava-se pelas disposições mais extravagantes e pelos ornatos de tons gritantes; o aspecto, comrudo, não deixava de ser muito original.

Um longo balcão formando galeria dominava o Sena, e abria-se para o gabinete de trabalho, estuhlado de livros e de recordações, e para o salão, onde um vasto canapé circular dava nas vistas pela sua violenta cor vermelha; por toda a parte, em todos os aposentos, enormes vidraças faziam reflectir nos espelhos as encantadoras collinas de Bougival e de Marly.

N'essa prisão de luz e de ar é que Augier estava retido ha sete mezes pelos mais cruéis soffrimentos: á diabetes tinha succedido uma phrebitis, depois uma lenta decomposição do sangue, depois a gangrena.

Treze semanas esteve pregado no seu leito de dor, sem movimento, quasi sem vida, mas conservando, apesar de todos os malos, plenas faculdades de razão, e agradecendo a cada instante, com uma effusão euternecida, á familia que o cercava, para lhe prodigalisar os cuidados e occultar-lhe a gravidade do seu estado.

Finalisemos esta noticia com a opinião de Zola acerca de Augier:

Dos mestres actuaes da nossa scena franceza, Augier é aquelle cujo esforço foi mais regular e mais constante.

É conveniente recordar os ataques com que os romanticos o perseguiram: chamavam-n'o, o «poeta do bom senso».

A verdade é que Augier incommodava os romanticos: que viam n'elle um adversario terrivel, um auctor dramatico que seguia a tradição franceza, passando por sobre a insurreição de 1830.

Nas suas mãos, a nova formula augmentava em valor: a observação exacta, a vida real posta em scena, a pintura da nossa sociedade n'uma linguagem sabia e correcta.

A minha convicção foi sempre de que o nosso theatro de amanhã teria apenas o desenvolvimento da formula classica, adaptada ao nosso meio social.

DESTINOS POLITICOS DO BRAZIL (*)

N O momento actual são muitas as questões discutidas na politica do Brazil. Todas se resumem e se entrelaçam nos dois pontos simultaneos d'esta dupla interrogação: Continuará a existir a monarchia? Continuará a existir unido o Brazil?

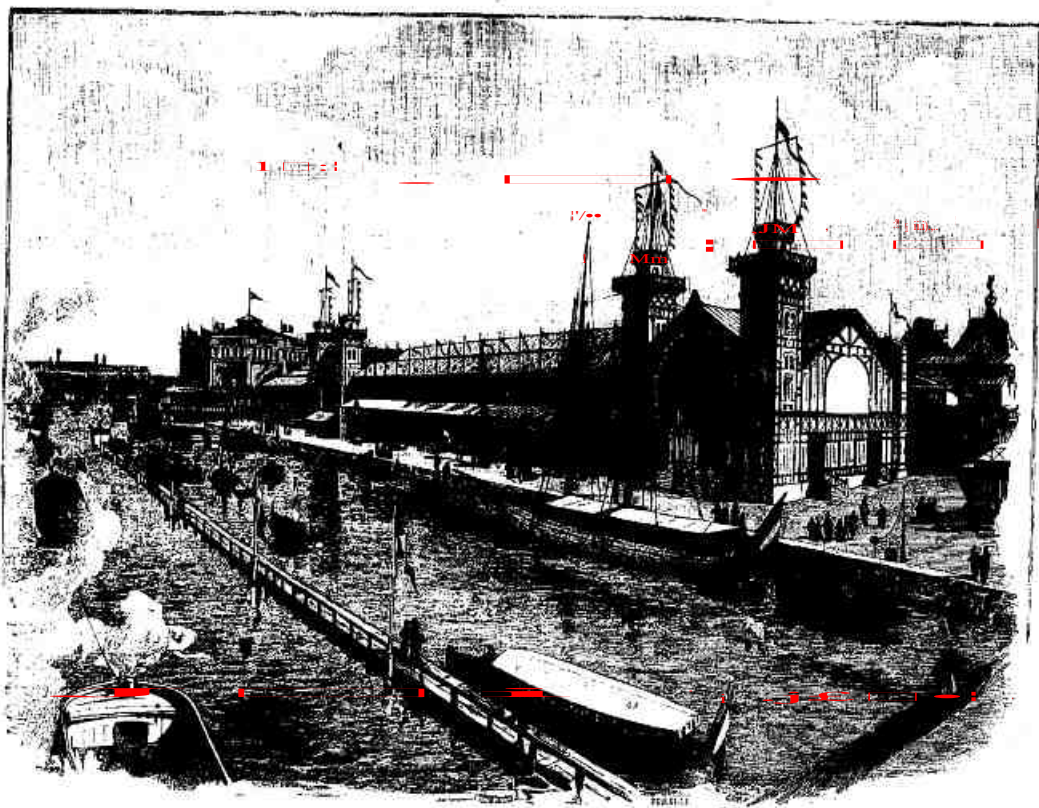
Estas duas interrogações exprimem n'aquelle paiz a questão republicana e a questão federativa. Ellas não podem ser separadas, porque ambas revelam a duvida em que parecem postas a forma do governo e a unidade da nação. A republica e a fragmentação do paiz, são, aos olhos de uns, hypotheses inseparaveis, ligadas como o effeito está ligado á causa; dizer monarchia, na opinião de outros, é dizer unidade nacional.

Dahi um debate apaixonado acompanhando os incidentes diarios de uma crise grave, fatal mesmo, se a inconsistencia do moderno caracter latino, em terra tropical, não dêsse garantia de que, por qualquer modo, com uma solução qualquer, ou talvez sem ella, tudo acabará em completa calma, por falta de persistencia nervosa na massa da população brasileira. N'uma raça em que as impressões são tão promptas quanto superficies, embora as reacções sejam tão lentas, como na raça brasileira, esse momento é muito breve. O *dilletante* e o *psychologo* não tem tempo a perder para observar o orgaismo em crise, recolligir os antecedentes, registrar os symptomas e então exercer a mais tentadora facilidade do espirito, a de ir ao encontro do futuro, a de tentar satisfazer a tão natural impaciencia do conhecimento do que vai haver amanhã, depois, e ainda mais tarde. Prognosti-

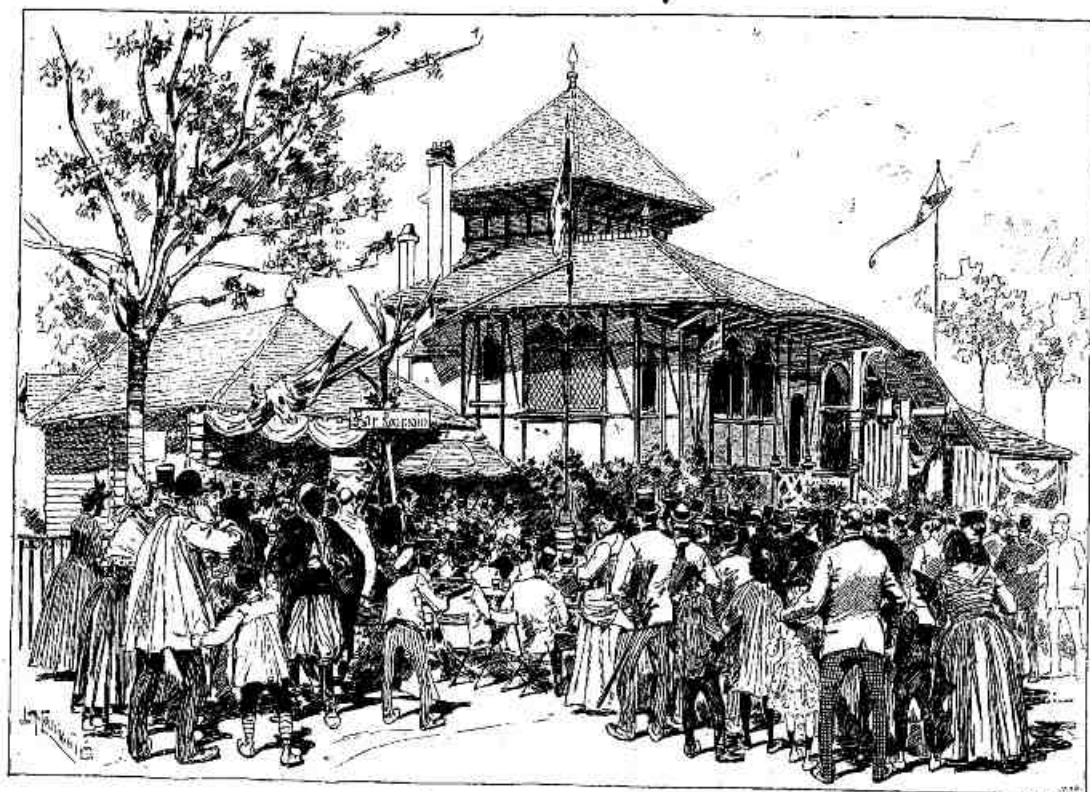
(*) No 4.º numero da *Revista de Portugal* dirigida por Eça de Queiroz appareceu um trabalho notabilissimo do escriptor brasileiro sr. Eduardo Prado, acerca dos *Destinos politicos do Brazil*.

Este curioso quadro da politica brasileira, d'uma critica tão fina, tão cerrada e ao mesmo tempo tão cheia de pittoresco, vae certamente levantar grande discussão na imprensa do Imperio, pela crueza da analys e pela frieza das observações. O que é porém indubitavel, é que o sr. Eduardo Prado se nos revela como um critico e como um escriptor de primeira ordem, manejando na perfeição a lingua portugueza, e encontrando nos bicos da sua penna observações e expressões que denotam um verdadeiro homem de letras.

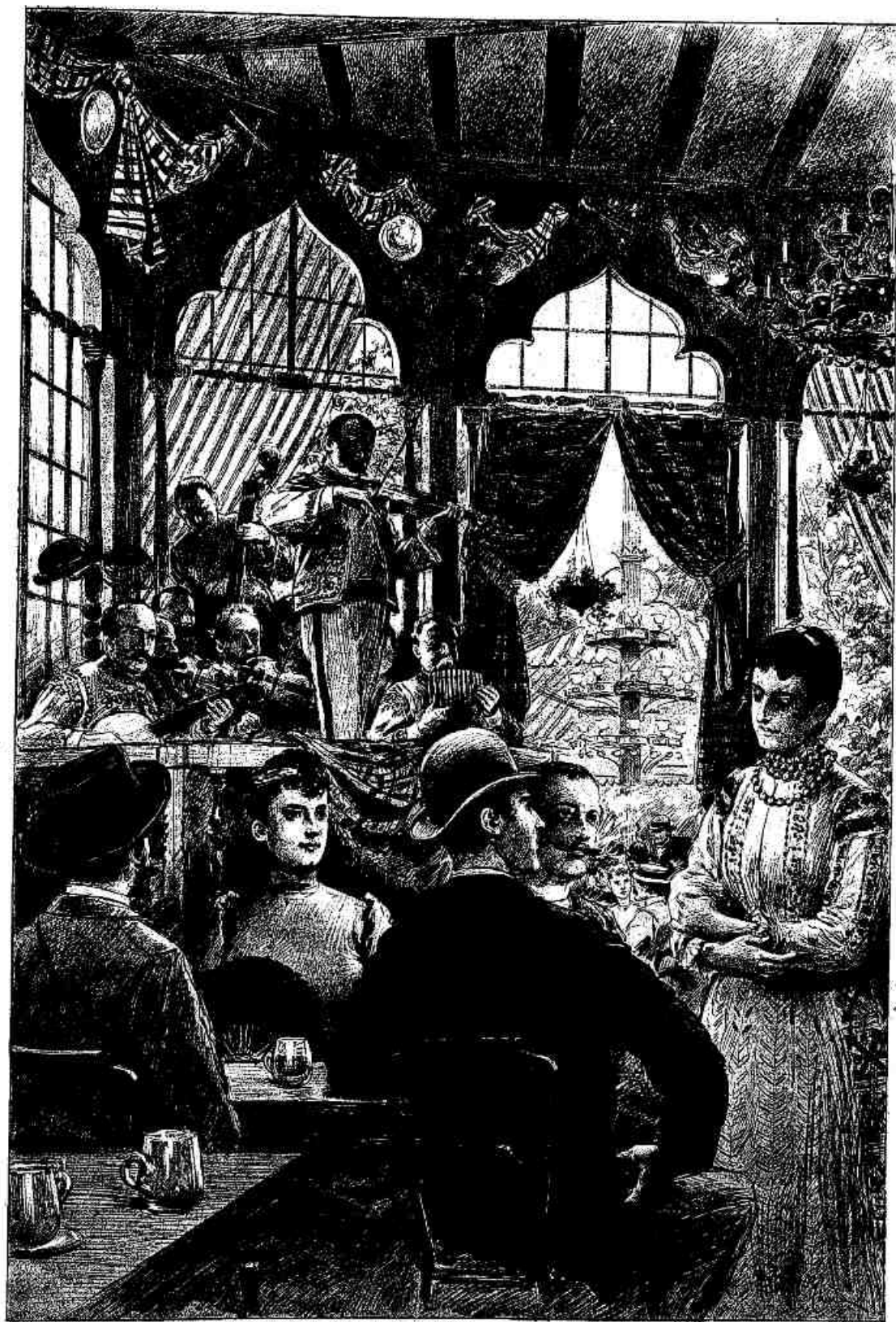
Eis porque pedimos licença á *Revista de Portugal* para transcrever nas paginas da *ILUSTRAÇÃO* uma parte do notavel estudo do sr. Eduardo Prado.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O pátio da Companhia Transatlântica e o edifício da Marinha.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A taverna da Roumanja.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — OS MUSICOS « LAUTARS » NA TAVERNA DA ROMÂNIA.

car é tanto officio de medico, como prazer de todos; o quem não é um pouco medico n'este mundo?

No caso do Brazil, a psychologia social é obscura e por isso interessante. Dizer o pensamento nacional é querer talvez entrar nos domínios da adivinhação, a menos que, desmoroado com as pretendidas e contrarias expressões d'esse pensamento, o observador não comece por negar, no cerebro do paiz, a existencia de todo e qualquer pensamento. Se admitirmos que as questões mais graves são as mais discutidas, veremos no Brazil, nas phrases ditas e escriptas, dois vocabulos mais repetidos do que os outros; são elles: república e federação. As phrases acompanham actos de verdadeira agitação. Até que ponto exprimem as palavras da imprensa e os conceitos dos politicos a verdade das coisas brasileiras no presente? Estão com effeito iminentes as mudanças que uns apregoam e annunciam e outros temem e reprovam?

Estas perguntas ficarão talvez respondidas para quem conseguir avaliar as forças activas de destruição e as forças resistentes de conservação da sociedade brasileira actual, e para quem poder verificar se ella tem, não só vitalidade immanente e sufficiente para conservar-se, como também energia bastante para progredir.

A idea republicana é a forma mais apparente das tendencias que chamaremos destructivas, ou antes, é a idea que, por necessidade de momento, resume em si todas as ideas de destruição. Para estudal-a é preciso conhecer os seus patidarios, e estudar o seu fundamento na logica da historia brasileira.

Ha mais de sessenta annos o Brazil recebeu um systema de governo complexo e adeantado, ao qual não se havia o paiz amoldado pela adaptação lenta do seu desenvolvimento historico. Este é o facto culminante da existencia politica do Brazil, a anomalia inicial a que se prendem, mais ou menos todas as inconsequencias da vida politica da nação. Desde a independencia houve immensa desproporção entre o estado da civilização nacional e as aperfeiçoadas instituições dadas ao paiz. Enquanto o papel dos europeus d'aquelle tempo era o de crear governos bastante liberais para a civilização do povo, na America do Sul, a missão quasi impossivel dos directores das novas sociedades politicas, foi a de crear povos na altura das instituições livres, organidas de proposito e applicadas na occasião.

Quem estudar a historia do Brazil independente verá a desproporção entre a civilização real do paiz e o adeantamento das suas instituições originando um desequilibrio sensivel ainda hoje. Os algarismos demonstram que nenhum paiz dotado de um governo livre apresenta tão grande numero de qualidades moralmente negativas quantos são no Brazil os analfabetos, os rusticos isolados no interior e os representantes das raças inferiores ainda não extinctas ou annulladas pela absorção na raça civilizada. Uma prova mais forte do que a das estatísticas temos no facto de não ter sido a sociedade brasileira a que por mais tempo foi compativel com a escravidão, só por ultimo abolida ha apenas um anno. Por mais terreno que a civilização possu ter ganho no Imperio, não se pôde pretender seriamente que o seu desenvolvimento tenha sido tal que o Brazil não possa mais supportar a monarchia constitucional representativa e sinta-se hoje acanhado dentro de uma forma de governo com a qual se contenta a alta cultura de tantos povos. É isto com tudo o que pretende a opinião publica brasileira.

Sustenta esta opinião que a república é o regimen unico compativel com o grau maximo da civilização de um povo. A existencia das monarchias do velho mundo não é levada em conta e a Inglaterra, a Alemanha, o resto da Europa com excepção da França actual e da

Suissa são talvez nações de civilização inferior. Dizem mais os republicanos brasileiros que o seu paiz, fazendo parte d'um continente politicamente dividido em muitas republicas, deve adoptar a forma republicana. É uma theoria de pura symetria geographica applicada ás instituições. Adoptada ella no velho mundo, veríamos os Suissos reclamando a monarchia, a bem da uniformidade continental. Esse espirito de uniformização politica em vista d'um accidente geographico, esquece que os brasileiros, distinguindo-se dos outros americanos inglezes e hespanhoes, na origem e na lingua, bem podem também distinguir-se d'elles pelo modo de governo. A leitura de todos os manifestos, circulares, discursos e outros documentos republicanos brasileiros não revela outras razões allegadas. Todas resumem-se nos argumentos da republica, forma adeantada de governo e na americanização do paiz; nenhuma outra idea descobre-se no estado da agitação republicana.

O povo é estranho ao movimento e se elle vier a agitar-se, é de temer que seja n'um desvario inconsciente. Esta inação, esta não interferencia do povo verdadeiro, das grandes camadas da população brasileira nos acontecimentos publicos é sempre observada. Um pintor brasileiro, Pedro Americo, no seu grande quadro *A Proclamação da Independencia do Brazil*, retratou o facto com toda a verdade e toda a philosophia. Vê-se n'essa pintura o Principe Regente, a cavallo, de espada desembainhada, cercado da sua guarda de honra, dos gentis-homens da sua camara, de varios capitães-mores e de officiaes de ordenanças. Os couraceiros, os officiaes, os da corte brandem as espadas ou agitam os chapéus e no quadro ha a vida admiravel d'aquelle momento historico. A um canto, um homem de côr guiando um carro, arreida os seus bois da estrada e olha admirado para o grupo militar; ao longe, destacando-se no fundo illuminado d'uma tarde que cue sobre a paisagem melancolica, um homem do campo, um *capanga*, retém o passo á cavalladura e voltando tranquillamente o rosto vê, de longe, a scena que não comprehende. Esses dois homens são o povo brasileiro, o povo real, a maioria da população que não participou da independencia e muito menos toma parte na agitação republicana promovida em nome d'elle.

O que se está chamando no Brazil o movimento republicano é um movimento de descontentes, todos formando minoria na classe dos privilegiados possuidores da terra ou dos individuos a quem couberam parcelas de instrução superior — homens feudaes ou homens de penna — collocados acima do pobre e do illtrado. O descontente politico é mais vezes um mau fermento nas sociedades do que um factor de progresso ou um operario de regeneração. Nos paizes quentes e sem uma elevada organização moral, é um bilioso não retirado pela educação, sem a nobre faculdade de respeitar, degradado na selvageria de linguagem porque lhe faltam musculos para manifestações mais viris d'uma coragem em que não foi creado. A organização social brasileira, baseada na escravidão, é incompleta e artificial apparencia de educação que a classe dirigente pôde receber, multiplicar no paiz o numero dos desclassificados de todo o genero, descontentes por fatalidade, entre os quaes figura em primeira linha o bacharel, quasi sempre verboso, sabendo mais ou menos umas regras abstractas, ignorando o resto, pobre, sem educação e de má saude.

Os bachareis constituem quasi que exclusivamente a classe dos politicos. Ora a politica vem a ser, em toda a parte, mais ou menos, a arte de ganhar eleições e de obter empregos. No Brazil, o caso aggravava-se porque a deficiente organização social e economica não dá ás actividades as occasiões de successo normalmente possiveis no commercio, nas industrias e nas artes. D'ahi resulta a procura de empregos publicos, augmentando sempre, e os assumptos referentes ao

Estado, isto é, eleições, cargos, etc.; etc., justo objecto da attenção de todos os cidadãos, mas não negocio de classe alguma, transformados no fim unico, no meio de vida da grande maioria dos brasileiros sabendo ler e escrever, divididos em dois partidos, o dos que estão nos empregos e o dos que estão fóra d'elles, como se diz nos Estados-Unidos, os *in* e os *out*. Este systema pôde funcionar sem grandes riscos, commentado apenas pelas lamentações dos idealistas, exprobrando nos partidos a sua falta de principios, ao passo que estes, de accordo com a civilização da sociedade de que são naturaes representantes, vão desempenhando alternadamente a missão de governar o paiz e de prover-lhe ás necessidades successivas. Não acontece porém assim no Brazil, onde até hoje, desde a adopção das formulas do systema parlamentar representativo, nenhum partido conseguiu o poder ganhando uma eleição. Em todos os outros paizes da America, com excepção do Canada e dos Estados-Unidos, onde aliás dois chefes d'estado foram assassinados e um instalado pela fraude, pôde-se dizer que acontece o mesmo. Em todas as republicas hespanholas, até hoje, nenhum partido ainda obteve o poder pelo voto eleitoral. O partido no governo ainda não foi supplantado senão por meio de uma revolução.

Como cahem e sobem os partidos no Brazil? Não é pela derrota ou pela victoria eleitoral, e quarenta e tantos annos de continua paz interna mostram que não é também pela violencia das revoluções. Nos paizes em que o ganhar uma eleição geral é para o vencedor a conquista do poder, o vencido não tem de quem se queixar; não lhe resta senão appellar pacificamente do povo para o povo melhor informado, na primeira eleição futura. Nos paizes americanos onde a sorte das revoluções decide do poder, os vencidos de hoje, aniquilados, não perturbam o paiz ou, contidos pela força, esperam o ensejo de uma revolução que os faça vencedores amanhã. No Brazil, o systema é mais simples. O Imperador designa o partido que tem de estar a governar o paiz até o mesmo Imperador dar de novo esse agradável encargo ao partido adverso. Até hoje, apesar das leis electorales as mais livres, de todos os protestos dos patriotas, ainda não foi possivel a victoria eleitoral da opposição, ás vezes até completamente excluida da camara dos deputados. A força das coisas e a fraqueza dos homens, mais do que a vontade do soberano, entregaram ao Imperador a missão singular e perigosa de fazer de opinião publica, desde que esta não existe ou não se pôde manifestar nas eleições. Esta anomalia persistente desde o começo do longo reinado do Senhor D. Pedro II, tem poucado ao paiz as revoluções que pôdem ser crises passageiras de organismos jovens e saos, mas em vez d'ellas, no meio da tranquillidade brasileira, tem originado males, nos lúctes e outros visiveis, comparaveis ás feridas pallidas, sem dor, nunca cicatrizadas, porque se alimentam de caries profundas.

Os partidos estão convencidos da inutilidade de todos os seus esforços pela conquista do poder, se em soccorro d'elles não vier a intervenção imperial. D'ahi resultam a fraqueza das opposições, a insolencia dos governos e a situação falsa e desmoralizada dos chefes politicos, dependendo directamente, não do corpo eleitoral, mas do Imperador, tixo unico do Estado, em torno do qual gira toda a machina da vasta monarchia brasileira.

Esta tem sido a força e a fraqueza do governo monarchico no Brazil. Nos primeiros tempos do Imperio o facto era inevitavel. A ventura do Brazil tendo por monarcha um homem bom, contribuiu muito para a felicidade da nação. O mal está em não se haver o povo educado na época propria, está no habito contrahido. O que podia ser tolerado como uma excepção temporaria no systema de governo, tornou-se a essencia do

mesmo governo. Os homens mais eminentes do Brasil tom atribuido sem razão a permanencia d'essa monstruosidade constitucional ao Imperador, quando é evidente que elle só não pôde transformar n'um povo livre um eleitorado, cuja maioria vota sempre com o governo. Muito menos pôde o Imperador, sem a cumplicidade dos politicos, manter a sua exprobrada omnipotencia.

A culpa não cabe ao Imperador: é incrível que elle possa desconhecer quando perde a monarchia com ter sempre de intervir na attribuição do poder ora a um ora a outro partido. De nada ou de pouco lhe vale a irresponsabilidade constitucional diante dos perigos de uma indeclinavel responsabilidade moral. O partido despedido do poder pelo Imperador não se queixa dos adversarios nem de si mesmo, queixa-se do Imperador. O empregado que perde o seu emprego, o politico que deixa a posição official, é fatalmente levado a dizer mal d'aquelle por quem o mal lhe veio. Tantas vezes quantas o Imperador tem tirado um partido do poder, tantos tem levantado contra si os clamores dos decahidos, sem conquistar a gratidão dos favorecidos no momento.

Hoje, no fim de tantos annos de reinado, o soberano do Brazil poderá verificar que não existe um politico brasileiro de algum valor, que na sua esphera grande ou pequena não tenha mais ou menos atacado o imperador. Se o individuo fosse mau, o caso seria menos grave e mais natural. O Imperador porém, é innegavelmente bom aos olhos de todo homem justo, e isto faz com que haja quem queira concluir d'ahi que o mal não vem do homem mas da instituição; não é devido ao Senhor D. Pedro II, mas á monarchia. Cada vez que se dá uma mudança de politica, uma parte da nação torna-se descontente. São descontentes temporarios, até á chamada ao poder do partido decahido. Esta situação tem dado em resultado a perda do respeito pelo throno e contribuido para a diminuição de todo respeito social em geral. As ultimas mudanças politicas têm sido assignaladas por explosões de descontentamento, ainda mais violentas do que as anteriores. Alguns dos descontentes declararam-se tacis para sempre e de verdade, e a fôrma d'este descontentamento (que a experiencia mostra não ser sempre incuravel) é, por ora, no Brazil — o republicanicismo.

Em 1888 e 1889 esta expressão última e su-

prema de descontentamento tornou-se mais comum, o que o daria? porque a escravidão teve de ser abolida. Nos Estados Unidos, em situação idêntica, a existência da nação correu risco gravíssimo. No Brasil, há quem pense que a monarquia está ameaçada por ter anuído a extinção da escravidão. Verdade é que, há pouco tempo, outros afirmavam que a throne ia cabir porque tolerava a escravidão.

O bacharel, a entidade fallante e escrevente no meio brasileiro, nem sempre pôde ser empregado, nem sempre pôde tirar lucros da vida de advogado. Pôde, porém, sempre, ser republicano, isto é, fallar ao povo em nome d'elle povo, sem que esse o ouça ou o tenha nomeado seu representante. O romance nacional e o theatro ainda não creram o typo, mas elle, sob os seus aspectos tropicais, isto é, mais exuberante, é um mixto do Julião de Eça de Queiroz e do Homais de Flaubert. Até pouco tempo, junto da classe dos proprietários territoriaes, o bacharel occupava uma posição de real inferioridade. Para o fazendeiro rico e vaidoso, o bacharel realmente habili ou com facilidades de successo na politica, podia ser um genro acceptavel, na falta de um filho, educado tambem para bacharel. Era um commensal protegido, um assalariado de certa ordem, consultor nos casos eleitoraes, nos apuros das dividas e das hypothecas difficeis e, nas festas domesticas, o orador dos brindes n'outro tempo sollicitantes de lyrismo, hoje modernizados com os vocabulos do positivismo, corrente ja nos remotos confins das provincias. O altruismo a evolucionio em vez das brizas e dos lirios!...

EDUARDO PRADO

TSARINE PO DE ARROZ RUSSO
Adeusante, Suavizante, Iodizante
PREPARADA POR VIOLET
22, Boul' des Italiens, PARIS

A REVISTA DAS REVISTAS

As traducções d'El-Rei o sr. D. Luiz

— *Hamlet*, de William Shakspeare, drama em 5 actos. Tradução portuguesa. Lisboa na imprensa Nacional, 1877. 8.º gr. de 149 pag. — Edição muito bonita, em papel superior, destinada para brindes, alguns dos quais El-Rei pessoalmente fez, ponde-lhes a dedicatória autographa. Sahiu sem o nome do traductor. Segunda edição. Ibi na mesma imprensa, 1880. 8.º gr. de 149 pag. — Nesta edição

Effectivamente sua magestade, permitindo que o dito instituto fixesse a nova impressão, foi para que o producto da venda revertesse em proveito do cofre que protege a infancia indigente.

— *O mercador de Venega*, de William Shakspeare. Traducção livre. Foi na mesma imp., 1879: 8.º de 113 pag. — Edição nitida. Também sem nome do traductor.

El-Rei, d'esta edição, cedeu 300 exemplares a favor da sociedade das casas de asylo da infancia desvalida de Lisboa, que vendeu quasi todos.

— Ricardo III, de William Shakspeare. Drama historico em 5 actos. Ibl, na mesma imp., 1880: 8.^a gr. de 170 pag.— Edição nitida. Tambem sem o nome do traductor.

— *Othello, o mouro de Veneza*, de William Shakespeare. Tragedia em 5 actos. Tradução portuguesa de D. Luiz de Bragança. Porto, na imp. Portuguesa, 1885. 8.^a gr. de 198 pag. — Foi esta, portanto, a primeira obra que appareceu com o nome do augusto traductor.

El-Rei, na elegante advertência preliminar, declarou que não imitava o ogregio poeta ínglex, porém que empregara todos os esforços para fielmente o traduzir. Assim conservava, com fidelidade notável, a pujança e as belezas do original. Esta versão, pois, é das mais primorosas que se tem feito no idioma da Camões.

El-Rei sr. D. Luiz, com o seu profundissimo amor ás boas letras e por sua veneração a Shakspeare, dispendeu mais de um anno a rever e limar a traducção do *Othello*.

Cremos que o mesmo processo foi consciencioso seguido invariavelmente com as outras versões. Sua majestade El-Rei conservava diversos trabalhos inéditos. Concluídos e quasi revistos para a impressão tinha os seguintes: — *Julietta e Romeu*, — *Estupro de Lucrecia*, — *Venus e Adonis*.

DIARRHOEA

A situação sanitária da Pérsia, começa a apresentar alguns perigos para a Europa. O cholera depois de ter apparecido no dia 14 d'agosto findo em Bagdad, estendeu-se em leque sobre o Tigre e o Eufrates durante o mez de setembro, e acaba de se instalar no golfo persico. Diz-se que a esta epidemia em Recht, se sul do mar Caspio, está emmença. Ora se a extensão da epidemia era pouco de temer do lado do mar Negro e sobretudo do Mediterraneo, por causa da difficuldade e da demora dos communicacões, não succede o mesmo do lado da Pérsia e do mar Caspio. A cidade de Recht tem sido por varias vezes o ponto de chegada e o lugar do passagem d'epidemias cholericas vindas da Indústia, do Afghanistan e da Pérsia.

Se a cidade de Reht, que está a duas horas de Ensel, porto com relações diárias com Bekou e Astrakan, for invadida — o que é para temer pois que o cholera está já em Kirmandah e Hamadan — a salvaguarda da Europa consistirá unicamente nas medidas que a Russia tomar sobre a fronteira persa.

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO D. FRANCK

Apertidos, Estomachais, Purgativos, Depurativos

Contra a Fúria de Apetito, Prisão de ventre, Máquese, Vertigens, Compostões, náuseas, vomitamentos, e 3999 humores corruptos e cáusticos.

Exigir os GATINHAOS AZUES com o logotipo em 4 cores e o selo da União dos FARMACUTES

Paris, France - LEROY pharmacien 1240

Fallencia de Forças
ANEMIA.—CLOROSE
O FERRO
BRAVAIS
Segundo as experiências das mais conhecidas
medicinas tem vindo a ser descoberto que a An-
emia, a qual se dá mais a poder de regeneração,
e se consegue mais que mediante os sangues e mais
com o uso do Ferro Bravais, tem sido descoberto
que tal a razão de os médicos se prescreverem
Ferro Bravais. B. BRAVAIS, impulsiona a circulação
do sangue na mais rápida e mais saudável
maneira. Não há de ser, pois, B. BRAVAIS, o mais

LIVRARIA C. REINWALD, RUE DES SAINTS-PÈRES, 45, PARIS.

ACABA DE SAHIR

LETTRES SUR LE CONGO

DESCRIPTION D'UNE VILLEN SCIENTIFIQUE ENTRE A EMBORACAO DO RIO, E O CONFLUENTE DE KASSA

2^o EDUARD DUPONT

Director do Museu real de Historia natural de Braxellas

Obras Illustradas com 12 gravuras em madeira e 11 estalagens e cartas a parte.

Um grande volume 16-59 de 730 paginas preço frs. 40.000..... Ed. franceza.

..... Ed. inglesa. 16.00

VINHO DE MILLET
Chalybè Balsamico

Tônico superior d'uma effiçencia certa
na Anemia, Chlorose, Prostração, Impo-
tência, Fezres, Bronehita chronica,
Doenças mentaes e nervosae.

PREÇO 3 FRANCOs. O FRASCO
Remessa para o estrangeiro 2 fr. por 7 fr.

SPAINOIS
41, Rue des Francs-Bourgeois, Paris

BELLEZA DO ROSTO

— LAIT ANTIDÉMOUQUE —

O LEITE ANTEPHELICO

puro ou misturado com agua, dissipa
 FARDAS, TEZ CRESTADA
 PINTAS-RUBRAS, BORRULHAS
 ROSTO RAMAHELMENTO
 E FURACULOS
 RUQUAS

Lavar e conservar a cutis limpa e clara.

C. L. L. & Co. St. Paulo, 1908

EXPOSIÇÃO UNIV. 1878
 Médaille d'Or Croix-Chevalier
 LES PLUS HAUTES RÉCOMPENSES

Nova Creação

PRIMAVERA

E. COUDRAY

Inventor de

PERFUMARIA ESPECIAL DO LACTEÍMA

Tão apreciada do alto mundo.

Sabonete	PRIMAVERA
Óleo	PRIMAVERA
Água de Toileador	PRIMAVERA
Essencia	PRIMAVERA
Pó de Arroz	PRIMAVERA

FABRICA E DEPOSITO :
 PARIS 13, Rue d'Enghein, 13 PARIS
 Admitem-se apenas em todas as principais Farmacias

BISMUTHO ALBUMINOSO BOILE contra dysenteris, diarrheas, gastralgias, acidos + **GRÃOS** de BROMHYDRATO de QUININA BOILE contra nevralgias, febres, enxaquecas. - GENEVOIX, 14, r. BAZAIX-ARTS, PARIS. e P^{os}

FERRO QUEVENNE Este preparado pela ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS, cura: Anemia, Pobreza do Sangue, Fígado brando, perdas de sangue de MULHERES e FERRUGEM para os HOMENS - P^{os} BAZAIX-ARTS, PARIS e P^{os} **50 ANOS de SUCESSO**

